



ANÁLISE SETORIAL – AGRONEGÓCIO

AGOSTO | 2026



Marcos Felipe Martins da Silva Praça

CNPI-T: EM-9505

Nenhuma parte do conteúdo deste canal deve ser interpretada como oferta, negociação ou solicitação de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

O agro brasileiro em 2026

Safra recorde, El Niño e o tarifaço dos EUA

O que é visto nesta análise

- O tamanho do setor, peso no PIB e exportações
- A safra 2025/26, produção e principais culturas
- Preços, o que mexeu nos últimos 30 dias
- Clima, o impacto esperado do El Niño
- Comércio, o novo tarifaço dos Estados Unidos

Agosto de 2026

Como a ZERO Markets Brasil lê o setor agora

Começo pelo essencial: o agro brasileiro chega ao segundo semestre de 2026 em posição forte. Temos uma safra recorde confirmada em agosto, exportações no maior nível já registrado para o período e a China puxando a demanda. Ao mesmo tempo, é possível notar dois pontos que pedem atenção nos próximos meses: a volta do El Niño, que deve ganhar força no fim do ano, e a disputa comercial com os Estados Unidos, que voltou a esquentar em julho com uma nova rodada de tarifas.

Na nossa leitura, o quadro é de força no presente e cautela no futuro próximo. A safra grande garante oferta e divisas, mas o clima e o comércio externo podem mexer com preços e margens já na virada para a safra 2026/27.

360,8 mi t

safr 2025/26 de grãos
(recorde, +2,4%)

US\$ 87 bi

exportações do agro no 1º
semestre (recorde)

25,1%

do PIB do país veio do
agro em 2025

Ativo

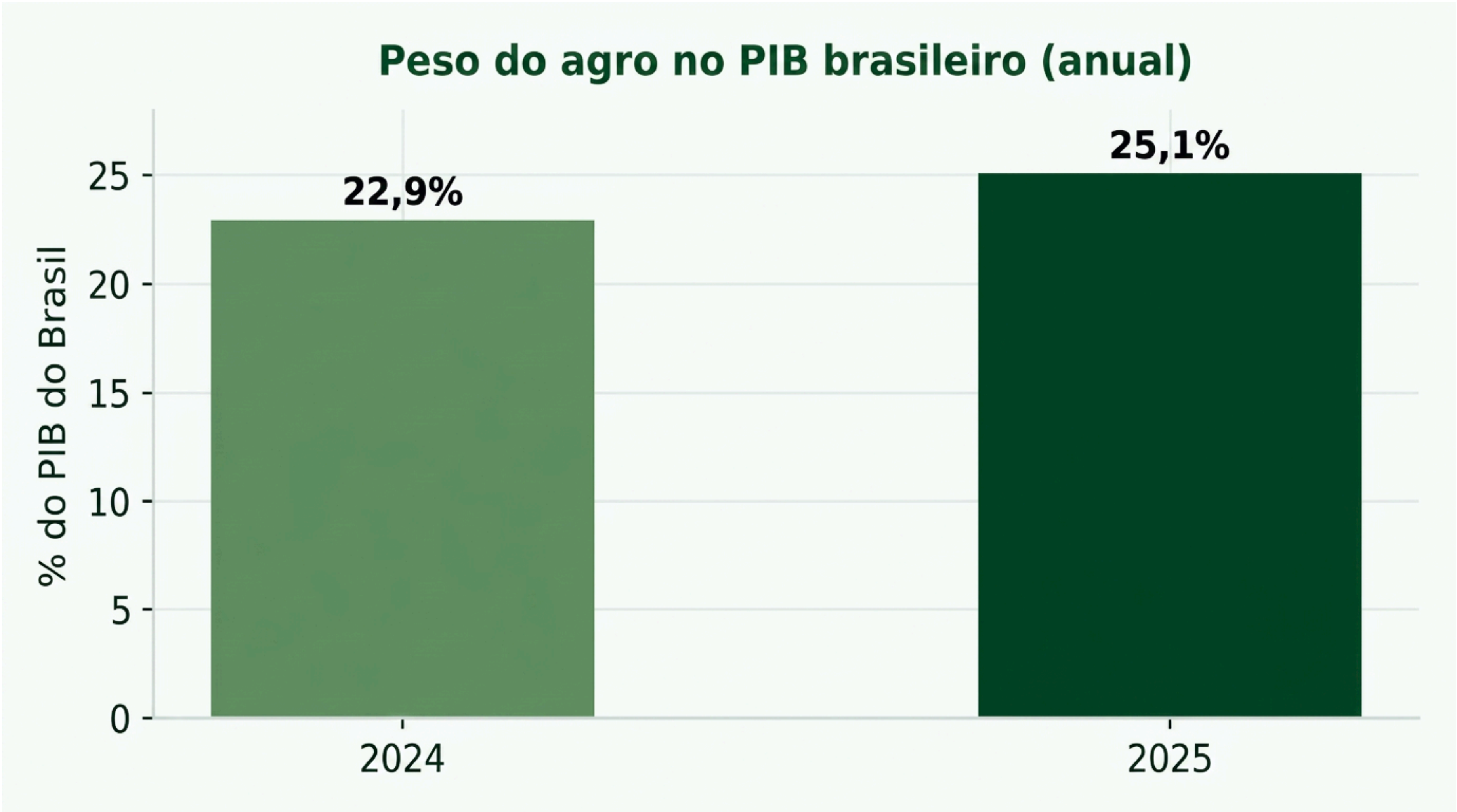
El Niño já estabelecido
(NOAA, ago/2026)

Em resumo

Produção e exportação seguram o presente, com a China como principal cliente. O que pode virar a chave para a próxima safra são o El Niño, que aparece justo na hora do plantio, e o rumo da briga tarifária com os Estados Unidos, que por ora poupa os principais produtos do agro.

O tamanho do agro hoje

Antes de entrar na safra, é interessante lembrar o tamanho do setor, porque é isso que explica o peso de cada notícia. Em 2025, o PIB do agro somou R\$ 3,20 trilhões e cresceu 12,2%, segundo o Cepea e a CNA. Com isso, o setor respondeu por 25,1% de toda a economia brasileira, contra 22,9% em 2024. É praticamente um em cada quatro reais do país. O começo de 2026 já mostra sinais de acomodação, depois do salto de preços e de produção que marcou 2025. O ritmo de crescimento perdeu força na virada do ano, mas o número que mais importa para esta análise é outro: quando olho as exportações, o setor segue muito forte.



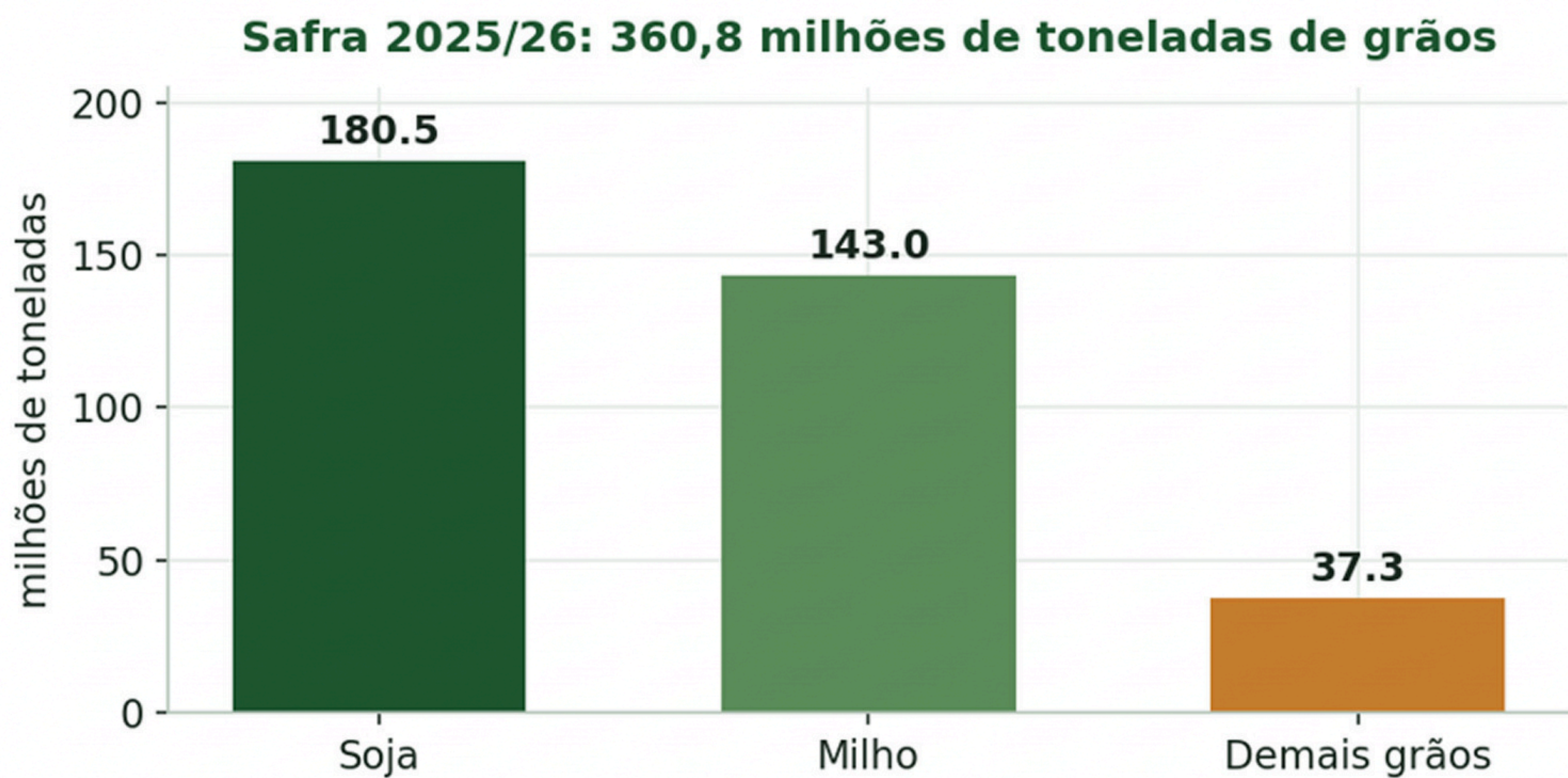
Participação do agro no PIB brasileiro, dados anuais. Fonte: Cepea/Esalq-USP e CNA.

As vendas externas bateram recorde no primeiro semestre: US\$ 87 bilhões, segundo o Mapa, puxadas por carnes, soja e algodão. A China ficou com 35,1% de tudo o que o Brasil exportou no período, o equivalente a US\$ 30,5 bilhões, alta de 10,5% no ano. O que chama atenção é que esse recorde veio pelo volume, já que os preços de café e açúcar caíram.

Indicador de exportação	Valor	Destaque
Agro, 1º semestre de 2026	US\$ 87 bilhões	recorde para o período
China (1º semestre)	US\$ 30,5 bilhões	35,1% do total (+10,5%)
Complexo soja (1º trimestre)	US\$ 12,13 bilhões	+11,5%
Proteínas animais (1º trimestre)	US\$ 8,12 bilhões	+21,8%
Farelo de soja (1º semestre)	US\$ 4,6 bilhões	recorde (+14,8%)

A safra recorde 2025/26

O dado mais quente das últimas semanas é a safra. No levantamento de 13 de agosto, a Conab elevou a estimativa da safra 2025/26 para 360,8 milhões de toneladas de grãos, ante 360,1 milhões no levantamento de julho, um novo recorde e alta de 2,4% sobre o ciclo passado. O que sustenta esse número é mais área plantada, 83,5 milhões de hectares (+2,1%), com produtividade estável em 4.322 quilos por hectare.



Composição da safra 2025/26. Fonte: Conab, 11º Levantamento (agosto de 2026).

A soja segue como a estrela, com 180,5 milhões de toneladas, e o milho vem logo atrás, com 143 milhões, apoiado na segunda safra. Nem tudo sobe: o trigo recua 26,2%, para 5,8 milhões de toneladas, por causa da menor área. A leitura é clara: a oferta de grãos está garantida e generosa, o que tende a segurar os preços internos e a manter o Brasil como fornecedor de referência lá fora.

Cultura / indicador	Safra 2025/26	Destaque
EIA (STEO)	180,5 milhões de t	recorde; principal produto
IEA	143,0 milhões de t	peso da segunda safra
EIA (STEO)	5,8 milhões de t	queda de 26,2%
IEA	3,1 milhões de t	abastece o consumo interno
J.P. Morgan	83,5 milhões de ha	+2,1%
OPEP	4.322 kg/ha	estável ante 2024/25

Preços nos últimos 30 dias

Nos últimos 30 dias os preços não andaram todos na mesma direção, e é isso que torna o momento interessante. O destaque positivo é o boi gordo, que subiu 6,1% no período, segundo o Cepea, sustentado por exportação aquecida e oferta ajustada. O milho ficou firme, acima de R\$ 66 por saca, e o mercado futuro já aposta em recuperação. A soja se recuperou em Paranaguá, com os prêmios de exportação segurando o preço interno mesmo quando os futuros em Chicago cederam por causa das chuvas nos Estados Unidos.

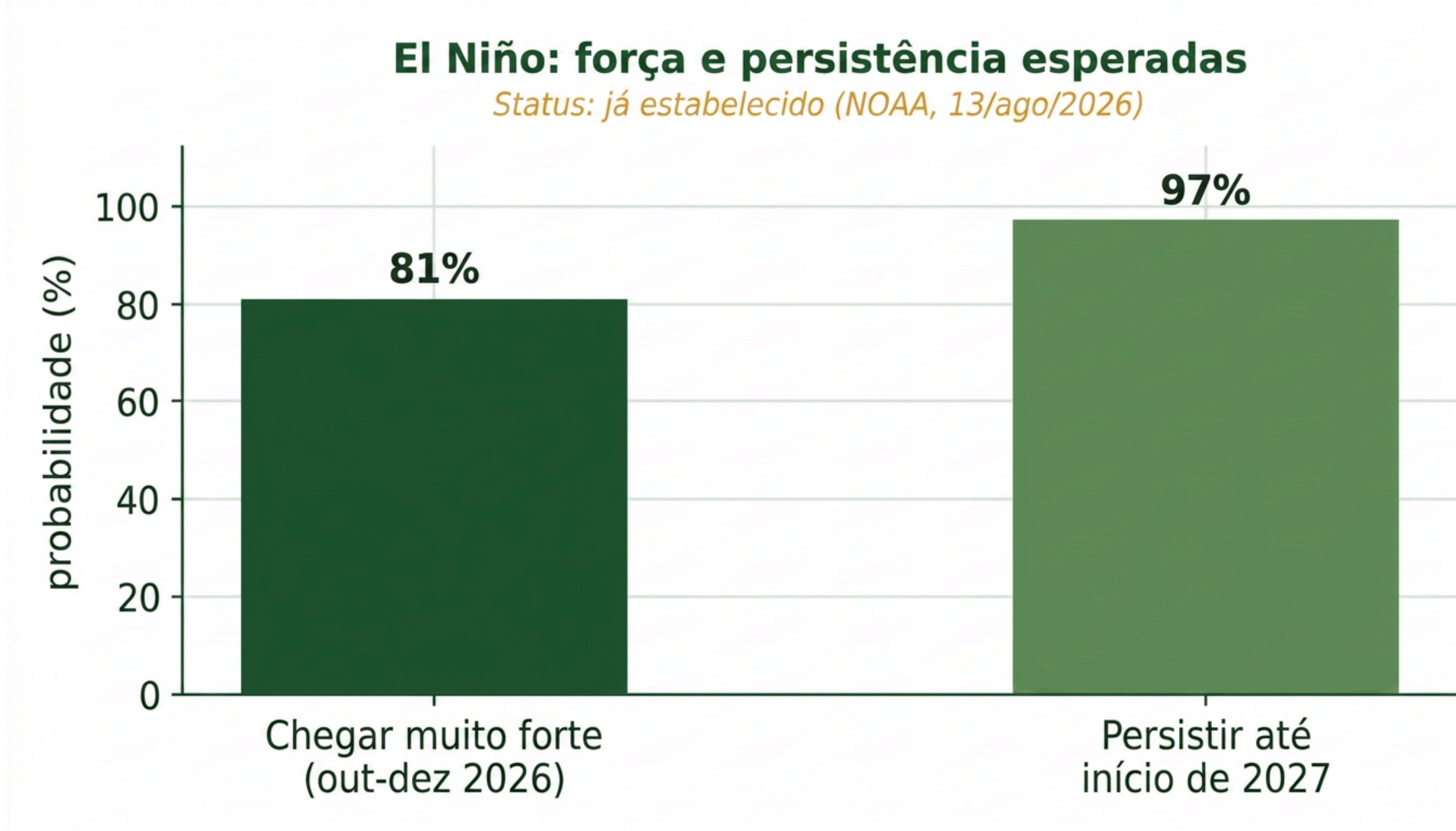
No café, os preços voltaram a subir em julho, com estoques globais apertados, embora a expectativa de uma boa safra 2026/27 possa pesar mais para a frente. Já o açúcar é o ponto fraco: os preços internacionais mais baixos vêm reduzindo a receita das exportações.

Resumindo: pecuária e café firmes, grãos em recuperação e açúcar na contramão.

Produto	Movimento recente	Minha leitura
Boi gordo	alta de 6,1% em 30 dias	exportação aquecida e oferta ajustada
Milho	firme, acima de R\$ 66/saca	recuperação puxada pela demanda
Soja	em recuperação (Paranaguá)	prêmios sustentam o preço no Brasil
Café	em alta em julho	estoques globais apertados
Açúcar	preços externos mais fracos	reduz a receita de exportação

O que o El Niño deve mudar

Aqui entra o fator que mais pode mexer com a próxima safra. Depois de uma La Niña que se desfez no começo do ano, o El Niño já está estabelecido. Em boletim de 13 de agosto, a NOAA declarou oficialmente a presença do fenômeno (o chamado El Niño Advisory). Ou seja, não se trata mais de uma probabilidade de surgir: ele já está aqui. A expectativa é de fortalecimento até o fim do ano, com 81% de chance de chegar muito forte entre outubro e dezembro de 2026 e 97% de persistir até o início de 2027



O problema é que o pico coincide justamente com o plantio da safra 2026/27. O El Niño costuma dividir o Brasil em dois: chuva a mais no Sul, com risco de enchente e perdas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e chuva a menos com calor no Centro-Oeste, no Norte e no Nordeste, o que pode gerar veranicos no plantio da soja e estresse nas lavouras. Vale a ressalva de que esse é o padrão típico do fenômeno, não uma previsão garantida: a própria NOAA lembra que mesmo um El Niño muito forte não produz necessariamente os mesmos efeitos em todos os lugares. Na nossa visão, é o principal ponto de atenção para quem vai definir calendário e manejo agora.

Região	Viés climático típico	Risco para o campo
Sul (RS, SC, PR)	chuva acima da média	excesso de água e enchentes no plantio
Centro-Oeste	chuva abaixo da média e calor	veranicos no plantio da soja
Norte e Nordeste	seca e temperaturas altas	estresse hídrico e risco de fogo

O que eu tiro do clima

O El Niño já está estabelecido, mas seus impactos sobre a safra brasileira ainda são um risco, e não uma perda confirmada. Como o pico bate com o plantio da soja, eu já trataria esse risco como real no planejamento: atenção redobrada ao calendário no Centro-Oeste e ao excesso de chuva no Sul.

O tarifaço dos Estados Unidos

O segundo ponto que acompanhamos de perto é o comércio com os Estados Unidos. Vale separar as duas fases com cuidado, porque elas costumam se misturar na conversa e têm naturezas diferentes. A primeira foi em agosto de 2025, quando os EUA aplicaram uma tarifa de até 50% sobre parte dos produtos brasileiros, num episódio comercial de forte carga política, que teve como pano de fundo o processo do ex-presidente Bolsonaro. O café não entrou nas isenções daquele momento e sentiu o golpe: as exportações do produto para os EUA caíram 41,5% entre janeiro e abril de 2026, e os americanos, que eram o maior comprador, perderam a liderança para a Alemanha.

A segunda fase, o novo tarifaço, é de outra natureza. Em 15 de julho de 2026, a USTR anunciou formalmente uma tarifa adicional de 25% sobre determinados produtos brasileiros, como desfecho de uma investigação sob a Seção 301, fundamentada em temas como comércio digital, tarifas preferenciais, propriedade intelectual, acesso ao mercado de etanol e desmatamento. E é aqui que está a boa notícia para o agro: café, carne bovina, carne de frango e suco de laranja ficaram de fora dessa nova cobrança. Ou seja, os principais produtos que vendemos aos EUA foram preservados. O que ainda machuca são os itens sem isenção, como mel e pescados, muito dependentes do mercado americano, além da própria questão do etanol, que é um dos pontos formais da investigação.

Produto	Nova tarifa de 25% (jul/2026)	Situação
Café	isento	fora da nova cobrança
Carne bovina	isenta	EUA são o 2º maior destino
Carne de frango	isenta	EUA entre os principais mercados
Suco de laranja	isento	Brasil supre cerca de 55% do consumo dos EUA
Etanol	afetado	acesso ao mercado é ponto da disputa
Mel e pescados	expostos	dependem muito do mercado americano

Para dimensionar, a CNA estimou em US\$ 2,7 bilhões o impacto negativo do tarifaço sobre a balança do agro em 2026, boa parte herdada da fase de 50%. Some-se a isso um efeito indireto que é importante: enquanto o Brasil apanha, os Estados Unidos fecham acordos com Indonésia, Vietnã e outros, que se comprometem a comprar mais produtos agrícolas americanos. Isso aumenta a concorrência lá fora, mesmo nos mercados em que não somos taxados.

O que tiramos do comércio

O impacto direto da nova rodada tarifária sobre o núcleo das exportações do agro é, por enquanto, limitado pelas exceções concedidas aos principais produtos. O risco real está no que sobra sem isenção, na questão do etanol e na incerteza, já que a disputa segue aberta e pode mudar de figura.

Riscos e o que vamos acompanhar

Juntamos tudo em cinco fatores que resumem onde está nossa atenção nos próximos meses:

Fator	Direção	O que observo
El Niño	ganha força no 2º semestre	plantio da safra 2026/27, sobretudo a soja
Preços das commodities	misto	boi e café firmes; açúcar mais fraco
Tarifa dos EUA	risco de comércio	café e carnes isentos; disputa segue aberta
Câmbio e juros	pressão de custo	custo da produção e crédito da safra
China	demanda firme	35% das compras; principal cliente

Se fosse para apontar o principal, escolheríamos El Niño, porque ele pode transformar uma safra desenhada como recorde em algo mais apertado, dependendo de como as chuvas se comportarem entre outubro e janeiro. Já o impacto direto do tarifaço sobre o núcleo das exportações agropecuárias é, por ora, limitado pelas exceções concedidas, ainda que segmentos específicos sigam expostos.

Como concluimos

O agro está entregando um 2026 forte de produção e de exportação, e isso não muda no curto prazo. A safra recorde e a demanda chinesa dão sustentação, e os números de exportação mostram um setor que continua sendo o motor de divisas do país. Mas não vamos olhar só para o retrovisor. As duas coisas que podem virar a chave nos próximos meses são o El Niño, que ganha força bem na hora do plantio, e o rumo da disputa com os Estados Unidos. Por ora, os produtos que mais pesam na nossa pauta estão protegidos das tarifas. E o El Niño, embora já esteja estabelecido, tem sobre a safra brasileira um efeito que ainda é um risco, não uma perda confirmada. É exatamente por isso que vamos acompanhar de perto os próximos boletins de safra e de clima: é neles que o cenário de 2026/27 vai se definir.

Fontes

Conab (11º Levantamento da Safra de Grãos, agosto de 2026), Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), Cepea/Esalq-USP e CNA (PIB do agro), INMET, INPE e CPC/NOAA (boletins de El Niño), Cecafé e CitrusBR, além de imprensa econômica (CNN Brasil, Agência Brasil, Canal Rural, Portal do Agronegócio e Seu Dinheiro). Dados de agosto de 2026.

! DISCLAIMER:

As opiniões aqui expressas refletem o entendimento pessoal e independente do Diretor de Análise MARCOS FELIPE MARTINS DA SILVA PRAÇA, CNPI-T (EM-9505), inclusive em relação à pessoa jurídica à qual está vinculado. Este relatório não constitui oferta nem garantia de resultado, e o investidor é o único responsável por suas decisões. A Zero Markets Brasil Consultoria e Análise de Valores Mobiliários LDTA, CNPJ 56.964.932/0001-09, credenciada perante a APIMEC Brasil, declara, nos termos do art. 22 da Resolução CVM nº 20/2021, não haver situação que afete a imparcialidade deste relatório ou configure conflito de interesses, ressalvado o que, se existente, será divulgado no próprio relatório.